

Alívio, os juros não devem subir muito.

O diretor de Mercado de Capitais do Banco Central, Keyler Carvalho Rocha, previu ontem em São Paulo que será pequeno o crescimento dos juros em face das decisões adotadas na noite de quinta-feira pelo Ministério da Fazenda e Banco Central: elevação do compulsório dos bancos e congelamento do mercado ADM (**open market** lastreado em títulos privados — os CDBs, com operações feitas utilizando-se cheques administrativos). Com as deliberações, previu, os recursos que estão no **open market** irão dirigir-se mais intensamente para os papéis públicos, os bancos farão colocação final dos títulos e reduzirão as posições de títulos que financiam no ADM.

"Basta de choques onipotentes e casuismos", afirmou Keyler Rocha em almoço do Ibef-Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros, do qual era diretor técnico. Menos artificialismo, menos intervencionismo, menos déficit público e mais crescimento econômico, defendeu a autoridade, em seu primeiro compromisso público após ter substituído Luiz Aranha Corrêa do Lago, do Rio.

Contra as acomodações — tanto do empresário que fica no **overnight** quanto do banqueiro de investimento que renuncia às operações de prazo médio e longo e fica na intermediação — Rocha entende que o Banco Central deve evitar a rigidez do sis-

tema financeiro, diminuir a segmentação no mercado de capitais, estimular operações mais longas, dar transparência aos subsídios e evitar as dispersões nos juros setoriais.

— A diminuição nos investimentos é temporária — assinalou — e começará a ser revertida a partir de um acordo externo e de conversões de dívida diretas ou por lei-lâo. Mas os empresários precisam de **funding** de longo prazo, hoje existentes só no BNDES ou em operações de **leasing**.

Keyler Rocha defendeu ainda o mercado acionário: "Os preços em Bolsa são baixos. E isto mede-se pelo valor de reposição de uma empresa".